

NA RUA
ESTUDANTES DE
FARMÁCIA PARAM
E REIVINDICAM
MELHORIAS

PÁGINA C5



Cidades

- Jornalista diz que TV é um meio perigoso 3
- Juiza garante que a corrupção ameaça a democracia... 6
- Oficiais da PM voltam a trabalhar na corporação 7
- Moradores de Anori tentam linchar agricultores 8

MANAUS, QUARTA-FEIRA, 5 DE ABRIL DE 2000

a crítica

PRONTOS PARA A LUTA

Índios fazem ato contra a exploração

PROTESTO FOI O COMEÇO DA CAMINHADA À BAHIA

COM APOIO DE VÁRIAS ENTIDADES, REPRESENTANTES DE TRIBOS AMAZÔNICAS QUEREM A DEMARCAÇÃO DE TERRAS E RESPEITO AOS DIREITOS USURPADOS HÁ 500 ANOS

ROSANE AMADORI

Objetos característicos de defesa dos indígenas, arcs e flechas se misturaram às faixas e aos cartazes no protesto realizado ontem por cerca de 200 indígenas do Amazonas e Roraima. Devidamente caracterizados com cocares e outros adereços, os índios fizeram uma caminhada pelo Centro da cidade e deram início à caravana que vai levá-los até Porto Seguro, na Bahia, para uma manifestação paralela durante as comemorações dos 500 anos do

Descobrimento do Brasil.

A marcha começou às margens do rio Negro, atrás do mercado Adolpho Lisboa, e teve a participação de representantes de movimentos de resistência negra e popular. Parte do seminário "500 anos de Resistência Indígena, Negra e Popular", o ato está ligado ao movimento nacional contrário ao tom de festa imprimeado para o aniversário do Descobrimento e quer levar esta mensagem para a festa oficial, marcada para o dia 22.

Nos rostos, a tinta utilizada para festejos e para a guerra serviu para chamar a atenção para problemas que são comuns à maioria das tribos. "Há posseiros e garimpeiros, mesmo onde as terras já foram demarcadas", queixou-se Davi Kopenawa, líder dos 13 ianomâmis presentes à manifestação.

Nas faixas, além de dizeres preservando a vida e os costumes, havia mapas de territórios ainda não demarcados ou não reconhecidos como reservas pelo Governo Federal. "Eles querem festejar invasão, morte e injustiça", defendeu Kopenawa.

Manifestações em língua portuguesa se misturavam aos discursos em linguagem nativa dos representantes dos 40 povos que seguem viagem para a Bahia. Além das margens do rio Negro, outras quatro paradas foram feitas durante a caminhada, que passou em frente à Catedral Metropolitana, Teatro Amazonas, Tribunal de Justiça e terminou na praça do Congresso.

A cada uma delas, danças e discursos em línguas que se tornaram raras e só não correm o risco de se perder em meio à invasão cultural pela conscientização dos indígenas.

"Somos preservadores da língua. As crianças estudam o português e o macuxi na escola", observou o líder dos macuxis, Severino Brasil, um dos mais inconformados com as comemorações do Descobrimento. "A vida no País não começou há 500 anos". Um minuto de silêncio colocou os manifestantes de frente para o rio, lembrando que o símbolo da vida também acabou sendo o caminho da invasão branca.

EM FRENTE À CATEDRAL

Movimento ganha apoio de Igrejas

Na primeira parada, em frente à Catedral, o protesto contou com o apoio oficial das Igrejas Católica, Batista e Luterana. O arcebispo de Manaus, Dom Luiz Soares Vieira, ressaltou em seu pronunciamento que o movimento vai despertar atenção no País. "Tantas coisas que não foram boas aconteceram em nome de Deus", reconheceu o religioso, fazendo votos "que todos os povos do Brasil sejam respeitados". Todos repetiram a oração ecumênica que pedia perdão pelas "exclusões das quais também

somos culpados". A cada parada, uma denúncia de violência contra os povos nativos. No Tribunal de Justiça, 14 caixas de papelão lembraram o massacre dos tucunas. Já na praça do Congresso, além de reclamar os direitos constitucionais desconsiderados quando favorecem as minorias, os participantes se manifestaram contrários aos símbolos considerados de dominação. Cobriram o relógio da Rede Globo, instalado em todas as capitais para registrar a contagem regressiva para a festa oficial, com um pano preto onde se lia: "Brasil, agora são outros 500". Um ato-show marcou o final da manifestação e o início da viagem da caravana. Conforme a assessoria da Coordenação das Organizações

Indígenas do Amazonas Brasileiro (Coiab), cerca de 400 pessoas partiram de Manaus rumo ao protesto. A embarcação zarpu ontem do porto local e segue viagem para Belém, onde outras pessoas devem se juntar ao grupo. Para contornar possíveis problemas de saúde, além de medicamentos, uma equipe de enfermagem acompanha a viagem. Depois navegar até a capital paraense, onde ganha adeptos do Amapá, Pará e Maranhão, a caravana segue de ônibus para Palmas, no Tocantins, e de lá para Brasília, onde os organizadores querem cobrar do Congresso Nacional a aprovação do Estatuto do Índio e as demarcações de terras, dentre elas a da Raposa Serra Azul, no Norte de Roraima.



DENÚNCIA Urnas funerárias lembraram o genocídio praticado contra as nações indígenas por doenças e assassinatos



SEM FESTA Em frente ao Teatro Amazonas, indígenas protestaram contra as comemorações do Descobrimento

Líderes buscam cultura perdida

Nos rostos pintados para o protesto, uma expressão não tão ingênua como a que os desbravadores encontraram no Descobrimento. "Aprendemos a nos defender. Lutamos pela cultura perdida. Estamos protegendo o que sobrou", diz Davi Kopenawa, representante dos ianomâmis do Amazonas. Mas a defesa aprendida com os brancos não trouxe a resistência às doenças, como a malária, reconhece o líder.

As aldeias ianomâmis vivem hoje a recompensa pela luta na demarcação de suas terras. "Conseguimos tirar nosso sustento da reserva, que hoje tem caça", assegurou Kopenawa, apesar de ressaltar que as fronteiras demarcadas são desrespeitadas pelos garimpeiros. Um dos mais empenhados em acu-

sar a falsidade das comemorações, o líder dos macuxis de Boa Vista (RR), Severino Brasil, fez questão de dar seu pronunciamento. "Nós já vivemos 500 anos de enganação. Resistimos e queremos resgatar tudo o que tiraram de nós", assegura, enfático.

"Como entender uma festa para comemorar as injustiças que vivemos?", questionou o índio, que coordena um grupo de 73 pessoas vindas da reserva para acompanhar a caravana. O grupo de Roraima carregava um estandarte com a área da reserva Raposa Serra do Sol, que quer ver homologada como sítio indígena.

"Com arcs e flechas, tacapes na mão, defendemos nosso chão", repetia o representante dos ianomâmis de Roraima, João Davi. "Não quere-

mos sociedades com ninguém, nem com empresas mineradoras. Queremos defender nossa terra e viver sossegados", ressalta, lembrando uma invasão branca em 1984. "Exemplos brancos como florestas invadidas e águas sujas não queremos para nós. Já vimos o que não presta da civilização", considera.

Depois de navegar por quatro dias desde o Alto Solimões, a ticuna Maria Antônia dos Santos mostrava disposição ao carregar a pequena Jociane de 11 meses durante o protesto e, também, para acompanhar o restante da viagem. O marido, Paulo Mendes, ex-líder indígena, explicava por que a família participava do movimento: "Como parte oprimida, não temos o que comemorar".

MANIFESTO NÃO-OFICIAL

Idéia surgiu em encontro

A mobilização que espera reunir mais de 2 mil índios em Porto Seguro, na Bahia, no próximo dia 22, foi programada desde 1998, durante encontro da Coiab. Conforme o presidente da entidade, quando problemas como a demarcação de terras e o respeito às áreas indígenas são comuns nos povos de todo o País, é impossível deixar que o tom de euforia seja o único ouvido no aniversário do Descobrimento do Brasil.

O objetivo do manifesto não é simplesmente contrapor a versão oficial, mas mostrar à sociedade que os índios existem, menciona o dirigente, lembrando que foi propagada há alguns anos uma previsão de que não haveria índios no ano 2000. Eles resistem, destaca, apesar de problemas básicos como a falta de alimentação, principalmente quando as áreas demarcadas são pequenas demais para o povo que delas depende. Antes donos do território, várias tribos se vêem confinadas em ambientes urbanos, onde adquirem hábitos que não conseguem

manter. "Muitos povos adotaram costumes de brancos, como comer arroz e açúcar, e hoje não conseguem ter acesso a esses alimentos". Apesar de sentirem na pele os avanços da dominação, muitos povos ainda não sabem relacionar os fatos dentro do contexto da sociedade branca. "É difícil fazer a relação com os poderes econômicos e políticos que envolvem essa questão", lembra Pereira. Além do manifesto através de atos, danças e outras atividades em Porto Seguro, os nativos deslocados de todo o País também participam da Conferência dos Povos Indígenas.